

COIMBRA • 2015

60

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

O MILAGRE DAS ROSAS EM *DE VITA ET MORIBUS BEATAE ELISABETHAE LUSITANIAE REGINAE* DE PEDRO JOÃO PERPINHÃO

THE MIRACLE OF THE ROSES IN *DE VITA ET MORIBUS BEATAE ELISABETHAE LUSITANIAE REGINAE* BY PEDRO JOÃO PERPINHÃO

HELENA MARIA RIBEIRO ALMEIDA COSTA TOIPA
CECH - UNIVERSIDADE DE COIMBRA
helenacosta64@gmail.com

131

Resumo: A biografia da Rainha Santa Isabel, da autoria do padre jesuíta Pedro João Perpinhão, *De Vita et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae*, composta entre 1557 e 1561, incluía o relato do milagre das rosas que, até aí, segundo o testemunho do autor, não aparecia nos documentos escritos relacionados com a vida da rainha e circulava apenas na voz do povo. Perpinhão parece já não ter tido acesso a duas biografias compostas na mesma época da sua, que também incluem o mesmo milagre. Todos esses relatos de meados do século XVI poderão ter sido originados por uma fonte comum.

Palavras-chave: milagre das rosas; Rainha Santa Isabel; fontes escritas; Pedro Perpinhão.

Abstract: The biography of Queen Saint Elizabeth, written by Jesuit priest Pedro João Perpinhão, *De Vita et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae*, composed between 1557 and 1561, included the telling of the miracle of the roses which, until then, according to the author's

testimony, had not appeared in written documents related to the queen's life and only circulated by way of the people's voice. Perpinhão seems to not have had any access to two other biographies written during his age, which included the same miracle. All of these reports from mid XVI century could have had a common origin.

Keywords: miracle of the roses; Queen Saint ; written sources; Pedro Perpinhão.

Investido, pelos seus pares, nas funções de orador no Colégio das Artes, em Coimbra, quando este passou, em 1555, para a Companhia de Jesus, o padre jesuíta valenciano Pedro João Perpinhão¹ compôs e pronunciou as orações comemorativas do dia da Rainha Santa Isabel, a 4 de Julho, instituídas por decreto régio de D. João III, em 1556, de que resultaram *Laudationis in Beatam Elisabetham Lusitaniae Reginam libri tres*.

As informações recolhidas para as orações que compôs para 1557, 1558 e 1559, foram posteriormente utilizadas na composição de uma biografia da mesma rainha, terminada em 1561, *De Vita et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae libri tres*². *Constituem-se como fontes literárias principais dessa biografia o Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus boons feitos e milagres em sa vida e depoy da*

132

¹ Pedro Perpinhão nasceu em Elche, em 1530; fez os seus primeiros estudos em Orihuela, de acordo com as suas próprias palavras, e continuou-os em Valência, onde se graduou em Artes, em 1547. Em 1551, entrou para a Companhia de Jesus e dirigiu-se para Coimbra, para aí fazer o noviciado de dois anos; acompanhava-o seu irmão Luís Perpinhão. Em Portugal manteve-se, durante dez anos, exercendo funções de orador e professor de latim, retórica e grego, nos Colégios do Espírito Santo, em Évora, e das Artes, em Coimbra, quando este foi entregue por D. João III à orientação dos jesuítas. Entre 1561 e 1565 permaneceu em Roma, no Colégio Romano, no exercício das mesmas funções, com as quais ganhou grande reputação entre os seus companheiros. O último ano, já doente, passou-o entre Lyon e Paris, compondo e pronunciando vários discursos contra as ideias protestantes. Morreu em 1566, com 36 anos de idade. Para mais informação sobre a vida e obra de Pedro Perpinhão, leiam-se, entre outros, Lazzeri (Lazzari) 1749; Gaudeau 1891; Toipa 2011; Toipa 2011: 405-426; Montesinos 2014.

² Tanto as orações como a biografia se encontram em Perpiniani 1749: tomo II. Será essa a edição seguida para as citações do texto.

morte, também conhecido por *Lenda* (ou *Legenda*) da Rainha Santa Isabel e as crónicas de D. Dinis e de D. Afonso IV, de Rui de Pina.

A *Lenda* é a primeira biografia da rainha, escrita provavelmente muito pouco tempo depois da sua morte e por alguém com quem ela convivia de perto. Foi publicada pela primeira vez por Frei Francisco Brandão na *Monarquia Lusitana*, parte VI, com o título de *Relaçam da vida da gloriosa Santa Isabel Rainha de Portugal*, o qual a copiou de um manuscrito que existia no Mosteiro de Santa Clara, do século XVI; posteriormente foi reeditada, com uma nova leitura, por José Joaquim Nunes, no *Boletim da classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa*, 1921, com o título *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus boons feitos e milagres em sa vida e depoyds da morte*; tem sido ainda objecto de vários estudos³.

Para além destas fontes escritas, Perpinhão socorreu-se também de cartas e outros documentos fornecidos pela abadessa de Santa Clara, de decretos régios e papais, de registos tabeliônicos, que traduziu para latim, mas recorreu também a tradições locais, a relatos orais, apresentou o seu testemunho pessoal, visitou e descreveu lugares e monumentos que serviram de palco à vida desta rainha.

O texto de Perpinhão seria eventualmente um contributo para o processo de canonização em marcha, constituindo-se como a primeira e a mais completa biografia composta, quer em latim, quer em português, até esse momento; estaria terminado em 1561⁴, quando Perpinhão partiu para Roma, mas apenas seria publicado, pela primeira vez, em Colónia, em 1609. Para além dos dados biográficos e do registo aprofundado do

³ Vasconcelos 1891-1894; Montes 1999; Dias 2009: 279-291; etc.

⁴ Consta do códice 3308 da BNL intitulado *Rerum scholasticarum, quae a patribus, ac fratribus huius Conimbricensis Collegii scriptae sunt, Tomus Primus*. Este códice abrange um grande conjunto de composições dos jesuítas, em prosa e em verso, respeitante aos anos que vão de 1555 a 1572. Nele se encontram também todas as orações de Perpinhão ditas em Portugal, alguns exemplares da sua veia poética e um diálogo que terá sido representado a um de Setembro de 1556. É continuado pelo Códice 993 da BGUC, *Rerum scholasticarum quae a patribus ac fratribus huius Conimbricensis Collegii scripta sunt tomus secundus*.

contexto histórico em que viveu a Rainha, o texto de Perpinhão apresenta também o rol dos milagres atribuídos à sua intercessão, constantes principalmente na referida *Lenda*. Outros há, no entanto, que aí não são mencionados, como por exemplo, o milagre das rosas, um dos mais populares, mais representados em termos iconográficos e celebrados na literatura.

O milagre das rosas, no entanto, não se encontra em fontes escritas anteriores a meados do século XVI, segundo testemunho de Perpinhão; por isso, quando o insere na sua biografia da Rainha, manifesta as suas reservas, para manter a sua credibilidade como historiador fiel à verdade dos factos assegurados por documentos escritos; mas não nega que tenha acontecido, mencionando a sua existência na tradição oral, que se traduzira já em manifestações artísticas, como o quadro existente em Santa Clara, junto do sepulcro da rainha, mencionado também noutros relatos contemporâneos do de Perpinhão (vd. infra).

134

Versão de Perpinhão:

Como, um dia, trouxesse secretamente no regaço com que acudir a alguns pobres, [diz-se] que o rei, suspeitando do que ela levava ocultamente, e, talvez não por não querer que a esposa fosse tão generosa a dar aos miseráveis, mas por querer que, nisso, ela mantivesse a majestade real, lhe perguntara o que levava; e que Isabel, temerosa, não fosse ele proibi-la de o fazer de novo, no futuro, lhe respondera “rosas” e que por ordem imprevista de Dinis, abrindo o regaço, o que quer que trazia se converteu realmente em belíssimas rosas; e que o rei, estupefacto, nunca mais tentara impedi-la de novo; tanta esperança tivera ela em Deus, que, o que dissesse, sem qualquer dúvida, acreditava vir a acontecer; e que Deus, por outro lado, de tal forma lhe obedecera, que não permitira que se encontrasse, no seu regaço, outra coisa diferente do que ela dissera.

Isto encontrei eu escrito acerca da jovem Cassilda, filha do rei sarraceno de Toledo, cujas excelentes virtudes, feitos insignes e santíssimos ossos tornaram ilustre Boécio, aldeia da região de Burgos, onde viveu e morreu, abraçando

a religião cristã. Com efeito, como, em casa do pai, influenciada por alguma chama celestial, alimentasse alguns cativos de guerra cristãos e os distraísse na prisão, diz-se que ela passou com o pai aquilo que dissemos ter-se passado entre Isabel e o marido. Sobre a Rainha, nunca o li, nem nos mais antigos, nem nos mais recentes monumentos de literatura, mas, por um lado, é celebrada pela permanente tradição do povo, que frequentemente guarda muitas coisas, sem escrita, transmitidas pelos antepassados, quase como que de mão em mão; e, por outro, assim está representada, no templo de Santa Clara, que ela edificou junto da cidade de Coimbra, num quadro, no altar da capelinha superior. Está, de um lado, Isabel, com aparência e vestimenta real: tem, na cabeça, a coroa, sinal de poder, e, no regaço, rosas, em parte brancas, em parte vermelhas, vestígios suficientemente evidentes do feito. A verdade é que essas representações não são anteriores ao reinado de D. Manuel, rei da Lusitânia. Pense cada um o que quiser; eu, porém, não vejo por que não haveríamos de ouvir a voz popular, quase como um testemunho da multidão.⁵

⁵ Texto latino:

Cum aliquando clam in sinu ferret, quod pauperibus quibusdam praeberet, Regem quid occulte gereretur suspicantem, ac forte non coniugem largiri miseris nolentem, sed regiam in eo maiestatem retinere uolentem, quae sisse quid portaret; Elisabetham timentem, ne id facere prohiberetur in posterum, respondisse, rosas; ac de improviso Dionysii iussu explicato sinu, quaecumque ferret, in rosas pulcherrimas esse conuersa; Regem stupefactum nunquam iterum impedire esse conatum: tantam spem illam habuisse in Deo, ut quod diceret, id sine ulla dubitatione crederet futurum; Deum uero, sic illi gessisse morem, ut non aliud in sinu inueniri pateretur, quam quod illa dixisset.

Hoc ego de Casilda uirgine filia Toletani Regis Saraceni scriptum inueni, cuius excellentes uirtutes, insignia facta, sanctissimaque ossa Boetium pagum in agro Burgensi, ubi suscepta Religione christiana uixit et mortua est, illustrem reddiderunt. Nam cum in domo patria, caelesti quodam studio incensa Christianos bello captos aleret, et recrearet in ergastulis, idem ei cum patre contigisse traditur, quod Elisabethae diximus accidisse cum uiro. De Regina nusquam legi neque in uetustioribus, neque in recentioribus monumentis literarum: sed et constante fama uulgi celebratur, quae multa saepe sine literis a Maioribus quasi per manus tradita custodit; et in templo S. Clarae, quod illa ad urbem Conimbricam excitauit, in altari sacelli superioris sic est in tabula depictum. Stat ex altera parte Elisabetha regali habitu et uestitu: habet in capite coronam indicem potestatis, in sinu rosas partim candidas, partim rubras, uestigia facti satis manifesta. Verum illae tabulae non sunt antiquiores Emmanuele Lusitaniae Rege. Sentiat quisque quod uolet: ego non uideo cur non popularem uocem, quasi multitudinis testimonium quoddam, audiamus. (De Vita et Moribus B. Elisabethae Lusitaniae Reginae liber primus: 215-216)

Refere Perpinhão que conhecia já o mesmo milagre, mas atribuído a santa Cassilda, não referindo que também era atribuído a Santa Isabel da Hungria, tia-avó da Rainha Santa Isabel⁶; é, no entanto, provável que soubesse, pois o seu culto estava bem divulgado em Portugal⁷.

Perpinhão afirma não o ter visto escrito em textos recentes ou antigos. Não consta efectivamente da *Lenda*, nem das *Crónicas de D. Dinis* e *D. Afonso IV* de Rui de Pina. Também não é referido nos relatos históricos anteriores. Não há referências a milagres ou intervenções do sobrenatural, quando se fala de D. Isabel nos reinados de D. Dinis ou de D. Afonso IV, nem no *Chronicon Alcobacense*, nem na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, nem nos *Livros de Linhagens*. A *Crónica de 1419*, porém, já comporta alguns milagres; com efeito, a secção referente a D. Dinis apresenta cinco milagres atribuídos à Rainha, mas nenhum é o das rosas.

Rui de Pina apresenta os mesmos milagres da *Crónica de 1419*, no relato do reinado de D. Dinis, mas acrescenta outros diferentes, no relato do reinado de D. Afonso IV. Alguns destes não constam da *Lenda*, são retirados das escrituras públicas feitas pelos miraculados e suas testemunhas reportando o acontecimento, para memória futura. Rui de Pina revela o objectivo das recolhas de milagres ao descrever um dos mais conhecidos e divulgados:

“(…) e sobre as couzas que em sua morte, e enterramento, e dispous sobre seo moimento milagrosamente se passarão cõ algum fundamento de ser canonizada forão tiradas inquirições co muy perfeito exame das testemunhas, e por ellas brevemente achey que indo seu corpo pello caminho, sendo tão grandes quenturas do Sol, que nos corpos mortos cauzão corrupção, e fedor, a este vinhão as gentes cheyrar pello grande odor que delle saia, que era assi grande, e de bom cheiro, como se o levarão por hum grade, e muy florido rozal, e assi o fazia algum grosso

⁶ Sobre a recorrência do milagre das rosas noutras regiões e protagonizado por outros santos, bem como sobre a pervivência literária deste episódio, leia-se Russo 2007: 33-79.

⁷ Castro 2007.

humor que no dito corpo pellas fendas do ataúde saia.” (*Crónica de D. Afonso IV*, cap. XXIII).

Um outro texto que Perpinhão manifesta também conhecer e sobre o qual se pronuncia, na sua biografia da Rainha, é o *Ofício à Rainha Santa Isabel*⁸, composto por André de Resende, em 1551. Inspirado na *Lenda*, também este não inclui o milagre das rosas.

No entanto, anterior ao texto de Perpinhão, um opúsculo intitulado *Lenda da Rainha Dona Isabel chamada a Sancta molher de’el-Rei Dom Denis a qual fundou a Casado Spirito Sancto da vila d’Alanquer*, provavelmente da autoria de Damião de Góis e escrito, de acordo com elementos fornecidos pelo texto, entre 1548 e 1557, apresenta também alguns milagres e um deles representa uma variação sobre o milagre das rosas: não é o pão/moedas que a rainha levava para acudir aos mais pobres que se transforma em rosas, mas as rosas que se transformam em dinheiro:

“Item mais se acha que fazendo-sse a dicta obra que passava huma moça com hum molho de rosas na mão per a par do dicto lugar onde a Rainha estava com suas donzellas vendo como trabalhavam e que huma das dictas donzellas pedio as rosas aa moça e as deu aa Rainha. A qual Senhora partindo-sse da obra deu a cada huum dos officiais huma das dictas rosas as quaes elles poseram a paar de seus fatos, e aa tarde querendo-se hir pera casa tomando cada hum a rosa que lhe fora dada se lhe converterão em dobras, do que espantados o forom logo dizer aa Rainha do que ella com muita devação e lágrimas deu graças a Deos e o mesmo fez el-Rey que ao presente ahi estava.”⁹

Também Frei Marcos de Lisboa, na Segunda Parte das suas *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, obra composta em 1557, mas apenas publicada em Lisboa em 1562, apresenta uma versão do milagre das rosas:

“Levava huma vez a Raynha sancta muytas moedas no regaço pera dar aos pobres, e encontrando a el Rey lhe perguntou que levava, e

⁸ *Sanctae Elisabeth Portugalliae quondam Reginae Officium/ Resendio auctore/ Conymbricae 1551* (transcrito em Vasconcelos, II, 1891-1894: 45-59)

⁹ Sousa 1987: 40.

ella disse, levo aquy rosas. E rosas vio el Rey, não sendo tempo dellas. E com este milagre se pinta a santa Rainha em algumas partes.” (Livro VIII, Cap. XXXI)

Também de 1560 é a *Vida e milagres da gloriosa Raynha sancta Ysabel, molher do catholico Rey dom Dinis sexto de Portugal*, publicada pelos mordomos da Confraria da Rainha Santa Isabel, que afirmam, na dedicatória à rainha D. Catarina, “ que ho mays della foy tirado da [vida] que as madres de sancta Clara de Coymbra entre sy tem, mal escrita, e com palavras antigas que a não deyxam entender.”¹⁰ Inclui, no conjunto dos milagres, o das rosas, acrescentando-lhe um pormenor:

“Sabido he como a gloriosa raynha dava muytas e muy grossas esmolos. El rey do Dinis nam era tanto disso: e dezialhe que não destribuyse tantas. E hum dia trazia a gloriosa Raynha na aba de huma sua cota huma soma de dinheiro pera dar a pobres, encontrouse com el Rey que lhe perguntou que levava. Respondeo Senhor rosas. E querendoas elle ver, foy assi, que sendo ho tempo muyto fora dellas ho dinheiro se tornou em rosas. E em memoria deste final chama huma das portas do mosteyro de sancta Clara a porta da rosa, por as esmolos que a ella mandava dar a gloriosa Raynha. E em algumas partes estaa pintada com as abas cheas de rosas.”

Perpinhão afirma não ter visto este milagre escrito, nem em textos antigos nem em textos recentes. É provável que já não tivesse tido acesso a estes últimos testemunhos referidos, a *Vida* editada pelos mordomos da Confraria de Santa Isabel¹¹ e o relato de Fr. Marcos de Lisboa. Tratava-se

¹⁰ Referem-se à *Lenda*, de que as freiras de Santa Clara tinham cópia. Perpinhão refere-se a esta obra com palavras semelhantes.

¹¹ O manuscrito 378 da Biblioteca Nacional de Lisboa, para além das crónicas dos primeiros reis de Portugal, atribuídas a Duarte Galvão, inclui uma *Vida e milagres da Rainha Santa Izabel*; esta biografia reproduz também o episódio do milagre das rosas. Não se trata, no entanto, de uma obra anterior ao texto de Perpinhão, susceptível de lhe servir de fonte escrita, uma vez que é simplesmente uma cópia manuscrita (irregular e incompleta) desta *Vida* editada pelos Mordomos; as primeiras linhas da página 211 do códice, onde começa a biografia da rainha, não deixam dúvidas:

de um milagre divulgado pelo voz do povo, que poderá ter conhecido maior projecção após o reinado de Manuel, durante o qual ocorreu a beatificação da rainha. A presença de um quadro com a representação desse motivo, no mosteiro de Santa Clara, terá ajudado também a sua afirmação. Com efeito, o poder curativo da Rainha fora ainda recentemente divulgado e conhecera grande projecção, por iniciativa de Martim de Azpilcueta Navarro, cuja sobrinha, Ana de Azpilcueta, freira em Celas, fora curada por intercessão da Rainha¹². Terá sido desta graça obtida que resultou o ex-voto guardado no Museu Machado de Castro, mandado fazer por Martim de Azpilcueta Navarro, em agradecimento¹³; é provavelmente a esse quadro que se refere Perpinhão, bem como Fr. Marcos de Lisboa e a *Vida*.

“Maravilhoso he nosso Senhor Deos nos seus sanctos, e maravilhoso nas suas obras, tal se mostrou no engrandecimento da gloriosa Raynha sancta Ysabel, e de sua confraria. Despoys de termos impressa a sua vida e alguns milagres seus a quatro de Julho que he ho dia em que a gloriosa Raynha faleceo, e em que começou a festejar com solene procissam de cada ano ao seu nome, e a sua confraria, quis maravilhosamente mostrar quanto se glorificava das honras dos seus sanctos.”

¹² Perpinhão conta o episódio de Ana de Azpilcueta e o papel de seu tio, Martim de Azpilcueta Navarro, Professor de Prima, em Cânones, na Universidade de Coimbra, entre 1538 e 1554, cuja autoridade terá tido peso na promoção do culto da Rainha e deste milagre em particular:

Sed tota res Martini Azpilcuetae Navariensis cura, cuius eximia iuris pontificii prudentia magnum attulit Hispaniae uniuersae lumen, publicis literis comprehensa est, ne qua ei finem afferat uetustas. (De uita et moribus..., p. 381)

Todo o caso foi exposto, em escrituras públicas, para que a antiguidade não causasse o seu fim, pelo empenho de Martim Azpilcueta Navarro, cuja notável prudência em direito pontifício trouxe grande luz a toda a Hispânia.

¹³ Gomes 4/8/2014: <https://www.facebook.com/groups/154218401370519/search/?query=%20saul%20gomes>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4373685516854&set=pcb.553202758138746&type=3&theater>

BIBLIOGRAFIA

- Brandão, F. (1672), *Monarquia Lusitana*, Lisboa, Off. Ioam da Costa, Parte VI. (Ed. fac-similada: intr. de A. Silva Rego, notas de A. A. Banha de Andrade, A. Dias Farinha, Eduardo dos Santos e M. Santos Alves, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1980).
- Castro, A. P. (ed.) (2007), *A coroa, o pão e as rosas. VIII centenário do nascimento de Santa Isabel de Hungria*. Coimbra.
- Gaudeau, B. (1891), *De Petri Ioannis Perpiniani uita et operibus (1530-1566)*, Parisiis, apud RetauxBray Editorem.
- Gomes, S. (4/8/2014) <https://www.facebook.com/groups/154218401370519/search/?query=%20saul%20gomes>.
- Lazeri, P. (1749), *De Vita et Scriptis Petri Ioannis Perpiniani Diatriba*, Roma, Typis Nicolae et Marci Palearini.
- Montes, M.^a I. C. (1999), *Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal. (Edição e Estudo)*. Dissertação de mestrado dactilografada, Lisboa.
- Montesinos, D. D. M. (2014), *Pedro Juan Perpiñán. Vida y Obra: Oratoria y Poesía Latina (Elche 1530-París 1566)*. Universidad de Murcia.
- Nunes, J. J. (1921), “Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal. Texto do século XIV restituído à presumível forma primitiva.”, *Boletim da Classe de Letras*, 13, pp. 1292-1304 (Introdução) e pp. 1307-1384 (*Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus boons feitos e milagres em sa vida e deploys da morte*).
- Perpiniani, P. I. (1749), *Opera* (3 tomos). Roma, Typis Nicolae et Marci Palearini.
- Pina, R. (1977), *Crónicas (D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II)*, Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto, Lello e Irmão Editores.
- Rerum scholasticarum, quae a patribus, ac fratribus huius Conimbricensis Collegii scriptae sunt, Tomus Primus* (códice 3308 da BNL).
- Russo, M. (2007), “Isabella d’Aragona, Regina del Portogallo, “Rainha Santa”: la tradizione manoscritta e il miracolo delle rose”, In *Donne Sante Sante Donne*, a cura di Associazione F.I.D.A.P.A. Sette Città, Viterbo, 33-79.

- Sousa, T.A. (1987), “*Lenda da Rainha D. Isabel. Códice iluminado da B.N.*” Introdução e leitura crítica de Teresa Andrade e Sousa, Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*. Série 2. Vol. 2 (1), 23-48.
- Toipa, H. C. (2001), *A obra de Pedro João Perpilhão em Portugal*, ad maiorem Dei gloriam. Universidade Católica Portuguesa.
- Toipa, H. C. (2011), “O percurso de Pedro João Perpilhão em Portugal”, *Humanitas*, 63: 405-426.
- Vasconcelos, A. R. (1891-1894), *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão, esposa do rei lavrador, D. Dinis de Portugal (a Rainha Santa)*. Reprodução fac-similada da edição de 1891-1894. Prefácio e Introdução de Manuel Augusto Rodrigues, 2 vols., Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1983.
- Vida e milagres da gloriosa Raynha sancta Ysabel, molher do catholico Rey dõ Dinis sexto de Portugal. Com o compromisso da cõfraria do seu nome, e graças a ella concedidas*. Lisboa, MDLX.
- Vida e milagres da Raynha Santa Izabel molher delrey dom dinis deste nome o primeiro Rey de Portugal, o 6º fª delRey dom pedro daragão (códice 378)*.